

O DISCURSO DIALÓGICO NO GÊNERO CARTAS DO LEITOR

The dialogic discourse in the genre reader's letters

Ana Maria Pires Novaes¹

RESUMO: Este estudo analisa, no gênero cartas do leitor, as marcas de interatividade que evidenciam não só o diálogo entre interlocutores, como também o diálogo entre discursos que ocorrem nas diferentes esferas da vida social. A abordagem se baseia na perspectiva sociointeracionista dos estudos da linguagem e na concepção de gêneros do discurso de Bakhtin (2000), para quem a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem. O *corpus* utilizado é constituído de textos produzidos por alunos do Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CNS/ISERJ) em atividades decorrentes do uso do jornal na sala de aula. Na análise, consideram-se o conteúdo temático, o propósito comunicativo e a forma composicional desse gênero, bem como as marcas de interatividade que sinalizam o possível interlocutor. Os resultados da análise revelam que as cartas do leitor que constituem o *corpus* atendem aos propósitos comunicativos para os quais foram elaboradas e permitem que o leitor dialogue com outros sujeitos e com outros discursos que emergem da sociedade.

Palavras-chave: Cartas do leitor, dialogismo, argumentatividade.

ABSTRACT: This paper analyzes the genre reader's letters, the imprints of interactivity that reveal not only the dialogue between speakers, as well as the dialogue between speeches that occur in different spheres of social life. The approach is based on the social-interactionist theory of language studies and on the conception of speech genres of Bakhtin (2000), for whom verbal interaction is the fundamental reality of language. The corpus used in the study consists of texts written by students from a Teaching College called Instituto de Educação do Rio de Janeiro (CNS / ISERJ). They were produced as a result of activities with the use the newspaper in the classroom. In the analysis, we consider the thematic content, the communicative purpose and the compositional form of this genre, as well as the imprints of interactivity that can indicate the possible interlocutor. The analysis results show that the reader's letters, that are part of the corpus, meet the communicative requirements for which they were designed and allow the reader to engage in a dialogue with other subjects and other discourses that emerge in society.

Keywords: Letters from readers, dialogism, argumentativeness.

INTRODUÇÃO

Uma das características dos estudos atuais sobre a linguagem é a presença cada vez mais acentuada de trabalhos que deixam de ter como foco a análise de unidades e regras da língua para abordar o enunciado enquanto discurso. Na dimensão textual-discursiva, valoriza-

¹ Doutora de Letras. Professora do Mestrado Profissional Interdisciplinar em Desenvolvimento Local e do curso de Letras da UNISUAM /Centro Universitário Augusto Motta e da Universidade Estácio de Sá. profananovaes@hotmail.com

se a linguagem como atividade interativa, ligada à noção de gêneros discursivos e sua articulação com as práticas sociais.

Para Bakhtin (2000, p.285), “aprendemos a moldar nossa fala nas formas do gênero”, ou seja, “nas formas típicas do enunciado que se introduzem em nossa experiência e em nossa consciência.” Ao relacionar gênero do discurso à atividade social, à interação, esse pensador (1986, p.113) afirma que “é a situação social e os participantes mais imediatos que determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação”.

Fundamentado nos pressupostos do materialismo histórico, Bakhtin considera a linguagem em sua historicidade constitutiva. Os sujeitos, sócio-historicamente organizados, constituem os sentidos na interação verbal. Essa noção caracteriza o movimento dialógico da enunciação: o locutor enuncia em função da existência de um interlocutor real ou virtual de quem quer uma atitude responsiva, uma réplica, uma reação. Assim, toda enunciação, como produto da interação verbal, é dialógica e faz parte de um processo de comunicação contínua, não se restringindo apenas às réplicas de um diálogo real.

Analisar o texto na perspectiva dos gêneros discursivos implica considerar não só as intenções comunicativas dos produtores, suas necessidades de interlocução, mas também o conhecimento que têm de estratégias de construção e interpretação de textos como parte das condições de produção dos enunciados. “A ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático, tais como determinado agente os mobiliza quando empreende uma intervenção verbal” (BRONCKART, 2003, p.99). Desse modo, a competência sócio-comunicativa dos produtores leva-os à percepção do que é adequado ou inadequado em cada uma das práticas sociais em que estejam envolvidos.

Com base nessas considerações, o presente artigo, tem como objetivo discutir, na perspectiva do sociointeracionismo, o gênero *Cartas do Leitor* a partir da análise de *corpus* de pesquisa, constituído de 20 produções escritas, resultante de atividades realizadas com jornal em sala de aula, em turmas do Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (CNS/ISERJ). Nessas atividades, buscaram-se determinar o contexto de uso, o interlocutor pretendido, os propósitos do produtor, os mecanismos de textualização, bem como as características típicas desse gênero. Na esteira do pensamento bakhtiniano, adota-se, neste trabalho, um percurso que parte do texto, “objeto linguístico-discursivo, social e histórico”, produzido em determinada situação interacional, para o exame de elementos linguísticos relevantes - modalizadores, articuladores argumentativos, entre outros - que configuram, nos enunciados, a significação pretendida pelo produtor.

1. DEFININDO O GÊNERO CARTA DO LEITOR

A carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico, em seção fixa de jornais e revistas, denominada normalmente de cartas, cartas à redação, cartas do leitor, cartas ao editor, entre outros títulos, reservada à correspondência dos leitores. Assim como as cartas pessoais, é também subgênero do gênero maior “carta”, mas não se apresenta como um gênero primário do discurso. Ao contrário, deve ser classificada como um gênero secundário, uma vez que nela se estabelece um tipo especial de interação social entre o remetente (leitor) e o destinatário (jornal ou revista).

Ao explicitar as diferenças entre a carta do leitor e o gênero epistolar carta, Melo (1999, p.23) ressalta:

Diferentemente das cartas pessoais, de cunho privado, a carta de leitor tem um caráter público, eminentemente aberto. Não se escreve para um parente querido, um amigo próximo ou um jornalista, em especial, mesmo quando parece ser o caso. Escreve-se para os possíveis leitores, que, podendo ser qualquer um, são todos, é o público leitor, heterogêneo e bastante determinado.

Outro aspecto que distingue esses tipos de carta é o fato de que a carta do leitor, após passar pelo processo de seleção, pode sofrer modificações que resultem na reformulação do texto original. Por razões de espaço físico da seção ou pelo teor da argumentação, a carta pode ser resumida, parafraseada, informações podem ser cortadas e, nesse corte, pode haver um novo direcionamento argumentativo.

Sotillo e Starace – Nastaci (1999), citados por Fontanini (2002, p. 227), comentam sobre esse gênero:

[...] os leitores/escritores expressam suas vozes individuais em um fórum público, a respeito de assuntos de importância para eles. A seleção e editoração das cartas, entretanto, permanecem sob o controle de um editor. Embora certo grau de “limpeza” editorial seja efetuado, para garantir que não sejam difamatórias ou grosseiramente ofensivas, as cartas ao editor podem nos trazer *insights* sobre dimensões sócio-culturais de uma comunidade, conforme evidenciadas pelos leitores/escritores.

Cientes de que a linguagem não é neutra, ao contrário, constitui-se um instrumento de persuasão que legitima padrões ideológicos que dela emergem, os jornais abrem espaço para publicação das opiniões dos leitores, como forma de garantir a “ilusão social” necessária às liberdades individuais, sem abdicar de suas crenças, seus valores, conceitos, propósitos, enfim, da ideologia que subjaz em seus textos.

Ao explicar o processo de edição das cartas dos leitores, Melo (1999, p.29) assevera:

O fato de o jornal se reservar o direito de poder modificar a forma de uma carta, cortar trechos, introduzi-la por um título de sua escolha, acompanhá-la de comentários ou de uma resposta a uma queixa do leitor, mostra a assimetria desse tipo de interação. É o jornal que coordena o diálogo entre os leitores.

Ao estudar a variação tipológica do gênero “Carta”, Silva (1997) assinala que uma categorização dos gêneros do discurso ou de uma tipologia textual precisa levar em conta as atividades comunicativas em que se dá o discurso, mas deve considerar também seu aspecto formal. Em outras palavras, a classificação deve refletir a relação entre as situações concretas de comunicação (critérios funcionais) e a estrutura, os modos como a informação pode ser organizada a partir das potencialidades da língua que o falante tem à sua disposição (critérios formais). Com base nesses critérios, a autora propõe uma classificação em três níveis, a saber:

1. Estruturas discursivas: esse nível tem como base as propriedades formais do texto, o conjunto de traços linguísticos característicos;
2. Unidades comunicativas: nível que diz respeito ao uso das estruturas em situações reais de comunicação, em contextos específicos, instâncias em que aparecem como tipos “relativamente estáveis de enunciados”, associados às diversas atividades desenvolvidas na vida social;
3. Função comunicativa/interativa ou perspectiva funcional-interativa: nível que considera o propósito com que uma unidade é empregada, sua força ilocucionária ou a variedade de eventos comunicativos a que se associa.

Na visão dessa autora, em se tratando de “Cartas”, deve ser adotada uma classificação que privilegie a função comunicativa, o propósito, o objetivo do emissor ao escrevê-las, ou seja, que se adote uma perspectiva funcional-interativa.

2. ANÁLISE DO CORPUS

Partindo do pressuposto de que o jornal, pela diversidade discursiva que apresenta, é material eficiente para familiarizar o aluno com a modalidade escrita da língua, habilitando-o, ainda, para o convívio com textos referenciais de maior formalidade, optou-se por transformar esse veículo de comunicação em objeto gerador de muitos textos. O contato com as diferentes seções que o constituem, em especial com a seção Cartas do Leitor, oportunizou a realização de atividades que aproximaram o estudo da língua do emprego que dela fazem os usuários em situações autênticas de interação. Após a leitura da seção de cartas de diversos periódicos e da análise da estrutura discursiva, dos aspectos formais e funcionais dos textos desse gênero, os

alunos produziram cartas, que foram enviadas para diferentes jornais. Com isso, pretendeu-se evitar a artificialidade que impregna a produção textual em sala de aula, onde, normalmente, o estudante escreve para um só leitor – o professor, com a finalidade única de ser avaliado.

Como reconhece Biasi-Rodrigues (2003, p.118-119), a adoção de uma nova prática pedagógica, baseada na concepção bakhtiniana dos gêneros, em substituição ao ensino da tipologia clássica de redação escolar, abre perspectivas para o tratamento da linguagem como ação social:

As atividades com gêneros na sala de aula podem simular a realidade e propiciar um exercício que permita imaginar um público ouvinte ou leitor potencial que não inclua o professor, e este público pode ser constituído dos próprios colegas da classe ou de outras, até mesmo de escolas diferentes da sua. [...]

Cabe ao professor propor atividades que promovam a ativação do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, por meio de exercícios de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada um, realçando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações concretas de comunicação.

Utilizando a perspectiva funcional-interativa, como critério para uma possível classificação das cartas do leitor, verifica-se que as que constituem o *corpus* foram escritas, visando a atender os seguintes propósitos comunicativos: reclamar, criticar, solicitar, opinar, demonstrar indignação, repudiar, concordar com o posicionamento do escrevente ou deste discordar e, em número reduzidíssimo, elogiar.

A maioria das cartas produzidas pelos alunos (15 ocorrências, que correspondem a 75% do total) visa atender o propósito de reclamar, principalmente do poder público, dos serviços prestados pela administração pública à população ou por empresas encarregadas desses serviços; criticar atitudes dos governantes ou notícias e reportagens publicadas nos periódicos e, até, o posicionamento de algum leitor, a respeito de determinado tema polêmico, apresentado na seção de cartas do jornal.

Exemplifica-se:

O prefeito declarou que, se preciso haverá um confronto por dia com os camelôs, sem se importar com as consequências que a guerra tem gerado para a população, obrigada a conviver com a truculência dos ambulantes e a inabilidade da Guarda Municipal e causando medo e insegurança a quem é obrigado a passar pelo centro. É inadmissível, além da violência urbana, conviver com o revólver da guarda e as pedras dos camelôs. (Texto 8,1-8)

É necessário esclarecer que a predominância do propósito comunicativo de reclamar/criticar revela, de certa forma, a própria atividade desenvolvida na sala de aula. O jornal, utilizado como recurso pedagógico, transformou-se em objeto gerador de muitos

textos. Assim, as cartas do *corpus*² refletem, não só na estrutura, mas também no próprio propósito comunicativo, as cartas à redação publicadas nos jornais a que os alunos tiveram acesso.

A verdade é que a maioria dos leitores escreve para se queixar, especialmente do poder público. Tais cartas são o meio através do qual o leitor pode-se fazer ouvir, pode opinar sobre uma questão polêmica, posicionar-se publicamente como sujeito. Assim, além do diálogo entre interlocutores, as cartas do leitor evidenciam o diálogo entre discursos que ocorrem nas diferentes esferas da vida social.

As demais cartas do *corpus* externam o propósito de:

- Solicitar (2 ocorrências, que correspondem a 10% do total):

Sendo “O Globo” e a “TV Globo” duas “grandes fontes de informação e formação e ensejando que estamos falando de cultura e educação para o “povo”, gostaria de sugerir que programas direcionados ao educador e educando (tais como “Um salto para o futuro, Nós da escola”) fossem produzidos e transmitidos em horários chamados “nobre”, de forma prazerosa como são as “novelas”, de maneira criativa e humorada como os comerciais, e até por métodos expositivos. Se assisto a um comercial diversas vezes, quando vou ao local de compras procuro o produto, quero saber seu preço, seus componentes etc. [...] (Texto 2, 15-38)

- Concordar com o posicionamento do escrevente (2 ocorrências, que correspondem a 10% do total):

À redação do jornal “O Dia”

Concordo com o leitor Sidnei Silva (ônibus burlam a Lei do Passe Livre, 6/11). Os motoristas de ônibus deveriam fazer um curso de “Direitos e Deveres do Cidadão” e “Respeito ao Próximo”. Eles com certeza não sabem o que significam essas palavras. Os motoristas de ônibus parecem robôs, como se fossem parte do próprio ônibus. Será que eles não têm família? Seus filhos não pegam ônibus? Fico me perguntando se essa conduta é uma imposição da empresa ou vem deles mesmos. (Texto 15, 1-11)

- Elogiar (1 ocorrência, que corresponde a 5% do total)

À Redação do Jornal O Dia

A reportagem “Faturamento sem sujeira” tem muito valor, uma vez que nos informa da importância da reciclagem como consciência ecológica. Além do que é responsável pela renda de mais de 150.000 brasileiros. Reciclar uma lata é 95% mais rentável em termos de energia elétrica.

Cinco toneladas de bauxita deixam de ser extraídas. Há uma grande mobilização neste sentido com cursos, palestras, seminários, mas a população também precisa se conscientizar e não jogar lixo no chão, nos rios. [...] Precisamos fazer a nossa parte. N. B. (Texto 6, 1-16)

Além da classificação baseada nos propósitos comunicativos, utiliza-se, ainda, outra categorização para cartas do leitor, levando em conta o direcionamento adotado pelo escrevente, isto é, a quem ele se dirige. Considerando a interação verbal, princípio fundante

² As cartas que compõem o corpus foram transcritas *ipsis litteris*.

da concepção bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN, 1986), dividem-se os 20 textos que constituem o *corpus* em:

- Cartas dirigidas à equipe do jornal/revista (3 ocorrências: 15% do total);
- Cartas dirigidas a artigos publicados – notícias/reportagens (6 ocorrências: 30% do total);
- Cartas dirigidas a leitores/autores – versam sobre cartas publicadas (6 ocorrências: 30% do total);
- Cartas dirigidas a outros interlocutores – poder público e/ou empresas de serviços (5 ocorrências: 25% do total).

Transcrevem-se exemplos:

- Cartas dirigidas à equipe do jornal/revista

Para a revista *Ultimato*.

Renovei minha assinatura por 2 anos, mas fiquei chocada com matérias da revista que me chegou às mãos: “Os super apóstolos e as tentações do crescimento” exclusivamente numérico. Pensei até em cancelar a assinatura da revista, pois *Ultimato* tem sido tendenciosa nos últimos meses falando de pessoas e movimentos sem realmente conhecer o assunto.

Agradeço se minha carta for lida com consideração, como leitora assídua desta revista.

Agradecida.

Regina Silveira. (Texto 1)

O texto 1 do *corpus* evidencia a presença de uma leitora que, explicitamente, procura dialogar com o editor ou equipe de redatores da revista “*Ultimato*”, a fim de criticar matérias por ela veiculadas.

Ao iniciar o texto com a oração “Renovei minha assinatura por dois anos”, a produtora da carta refere-se à condição de assinante que a gabarita para os comentários que fará a seguir. O conector adversativo “mas”, ao introduzir o comentário desfavorável, destaca a direção argumentativa adotada: crítica à superficialidade e à tendenciosidade das matérias publicadas.

Considerando que a argumentatividade não é um mero traço que se acrescenta ao texto, mas que “o uso da linguagem é inerentemente argumentativo” (KOCH, 2000, p.104), importa também avaliar o emprego do elemento linguístico “até”, marca importante da enunciação: “Pensei até em cancelar a revista, pois *Ultimato* tem sido tendenciosa nos últimos meses [...]”. Ao participar de uma sequência que explicita uma relação lógico-semântica de causalidade, o elemento “até” assinala a orientação discursiva em favor do argumento mais forte.

O comprometimento da autora com o enunciado produzido marca-se, ainda, através do modalizador “realmente” que evidencia o grau de certeza em relação ao fato enunciado (“[...] falando de pessoas e movimentos sem ‘realmente’ conhecer o assunto”).

No período final, a autora da carta reafirma seu papel de “leitora assídua” e, nessa condição, espera que os editores considerem seu posicionamento. Ao agradecer, tem a produtora do texto o propósito persuasivo de agir sobre o outro para assegurar seu papel de fiadora do que é veiculado nas páginas da revista.

- Cartas dirigidas a artigos publicados

Educação só é pensada em pedaços

Depois de me deparar com a decisão de se dividir vagas na UERJ entre pobres, negros e os demais, para nos iludir que lá dentro não existe discriminação, passei por um artigo onde o Sr. Newton de Oliveira (Presidente da FAETEC) defende investimentos na educação tecnológica, dizendo que isto é coisa de primeiro mundo e afinal de contas temos um Presidente da República que só possui diploma de escola técnica. Quando será que aparecerá alguém que grite que precisamos investir na educação como um todo? Tanto em nossas crianças (que são o futuro), como em nossos jovens (são os que estão mais presentes), quanto em nossos eternos estudantes (que subtraem nossas dúvidas e muitos deles não sabem nem escrever seu próprio nome).

S. L. – Pavuna (Texto 5)

A aluna apresenta um parecer pessoal desfavorável em relação a duas matérias publicadas. Inicialmente, focaliza a questão de reserva de vagas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro para afro-descendentes e para alunos da rede pública de ensino; a seguir, critica artigo sobre a importância do ensino técnico, em que o Presidente da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) defende investimentos nessa área.

Ao substituir, ainda no primeiro período do texto, a 1ª pessoa do singular pela 1ª pessoa do plural (“Depois de me deparar com a decisão de se dividir vagas na UERJ entre pobres, negros e os demais, para nos iludir que lá não existe discriminação”), a autora busca o compartilhamento de seu repúdio ao sistema de cotas, que considera uma forma de mascarar a realidade. Para ela, a universidade é discriminatória, e a reserva de vagas daria a ilusão de que a igualdade de oportunidades seria, a partir de tal medida, real, concreta.

Em relação ao artigo sobre a educação tecnológica, não se pode desconsiderar na análise o fato de o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, onde se desenvolveu a pesquisa, fazer parte da rede de escolas da FAETEC. Assim, o recurso da pergunta retórica foi a forma encontrada pela produtora do texto não só para contestar afirmativas proferidas pelo Presidente da FAETEC, como também para interagir com o interlocutor, em busca de adesão à tese defendida: “Quando será que aparecerá alguém que grite que precisamos investir na educação como um todo?” Além desse recurso, a escolha léxica do verbo “gritar” acentua o

inconformismo com o conteúdo veiculado na matéria. O uso, na sequência final, do pronome possessivo de 1ª pessoa do plural ressalta a parceria, a cumplicidade com o interlocutor, pretendida por aquela que enuncia.

Como avalia Galembeck (2002, p.69),

[...] pode-se admitir que o ser humano – dotado de linguagem e cultura – institui-se a si mesmo como um ser único (o “eu”, seguramente não tem plural), mas, do mesmo modo, ele não pode deixar de levar em consideração o interlocutor (“você”) e o grupo no qual ele se insere (“nós”).

Assim, a interatividade ou intersubjetividade revela-se tanto no uso da pergunta retórica quanto no predomínio da 1ª pessoa do plural, formas encontradas pela autora para democratizar sua visão de mundo, compartilhando-a com os outros, “possíveis leitores” de sua carta.

- Cartas dirigidas a leitores/autores

Prezada Sr Cláudia Bonan.

Em seu artigo publicado pelo Jornal do Brasil, deparei-me com sua opinião expressa no Painel do Leitor. Respeitosamente li-a e percebendo equívocos, tento elucidar-lhe os fatos.

No nosso país, a senhora bem sabe, existe uma procriação, principalmente entre os muito pobres e miseráveis. Está claro que as crianças nascidas neste meio terão bem poucas chances de ter uma família bem estruturada e uma boa educação o que certamente, comprometerá seu futuro e, conseqüentemente, de toda nossa sociedade.

Será direito deixar que pessoas que vivem em condições muito precárias e até subhumanas tenham muitos filhos? O que será destas crianças? Veja-as nas grandes cidades brasileiras como pedintes ou exploradas no mundo da prostituição. Veja-as trabalhando nos grandes lixões destas cidades. Isto é o que você chamaria de direitos humanos? No futuro, estes milhões de crianças sem estudo e amor serão adultos. Qual a resposta que eles darão à sociedade? Se sua imaginação não está muito fértil, olhe para o presente então. Por que estamos todos cada vez mais enjaulados em nossas casas, e as empresas que trabalham com segurança estão crescendo tanto? Porque temos cada vez mais medo? E, por favor, vamos deixar de hipocrisia e a infantilidade de lado e vamos assumir o fato de que, daqui a 20 anos, não teremos melhorado nossa sociedade.

Sem mais, despeço-me.

L. R. (Texto 16, 1-29)

A autora do texto 16 escreve para um interlocutor determinado, a leitora Cláudia Bonan, cuja carta foi publicada no Jornal do Brasil, sob o título “Pobreza”. Tem como objetivo levar a leitora a refletir sobre a premência do controle de natalidade para a redução da pobreza no país e, principalmente, a reavaliar os argumentos de que se utiliza ao manifestar opinião sobre pesquisa do IBGE a respeito da questão.

A utilização de perguntas retóricas, em número de seis, reforça o tom persuasivo do texto, que pode ser observado, ainda, no uso de construções como “a senhora sabe” – alusão a um conhecimento prévio que constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto

–, “é claro” e “certamente”, modalizações que funcionam como indicadores das intenções e atitudes do locutor com relação ao seu discurso (KOCH, 2000).

A respeito das modalizações, comenta Bronckart (2003, p.330):

[...] têm por finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos “comentários” ou “avaliações” formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático. [...] as modalizações pertencem à dimensão configuracional do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na interpretação de seu conteúdo temático. (grifos do autor)

Além desses recursos, há o uso de sequências textuais injuntivas, reveladoras do diálogo com o interlocutor, também, com finalidade persuasiva. O objetivo é levar a leitora a aderir à tese de que a pobreza e os problemas que dela resultam têm como causa principal a alta taxa de procriação entre os mais pobres: “Veja-as nas grandes cidades brasileiras como pedintes ou exploradas no mundo da prostituição” / “Veja-as trabalhando nos grandes lixões destas cidades” / “Se sua imaginação não está muito fértil, olhe para o presente então”.

- Cartas dirigidas a outros interlocutores

Carta a SMTU

Tema: Quem pode socorrer quando há ineficácia nos transportes públicos?

Sr. Secretario da SMTU, acompanho o crescimento e desenvolvimento dos transportes públicos já por alguns anos, e devo dizer que antigamente a condução era bastante escassa; os ônibus andavam superlotados, a manutenção era precária e o preço da passagem, bem cara. Então, se era assim e hoje vemos alguns contrastes, não temos muito o de que reclamar. [...] Todavia, Secretário, devo dizer também que nem tudo são “flores”, pois constantemente ouvimos reclamações que são feitas por usuários, veicularem nos órgãos de comunicação: ônibus, trens e barcas que se atrasam; o impedimento ilegal de estudantes entrarem pela frente; idosos que são ignorados nos pontos de ônibus; ônibus que se quebram deixando as pessoas no “caminho”. E como se isso tudo não bastasse, vemos o aumento do preço da passagem que se torna exorbitante, ônibus com baratas, sem ser dedetizados.

Será que os empresários poderiam ganhar um pouquinho menos e serem mais solidários com a população, prestando um serviço de qualidade?

Sr. Secretário, recorro a este órgão porque tem a responsabilidade de fiscalizar os transportes públicos. Eu sei que implica mudanças significativas para haver uma melhoria neste setor e por isso não cobro uma perfeição imediata. Mas, ao passo que a fiscalização seja atuante, eficiente, haverá uma melhoria no sistema, e por vosso empenho dispensado, sinceramente,

Agradecemos. (Texto 11)

No caso do texto 11, há, num primeiro nível, um interlocutor determinado – o Secretário da S.M.T.U. – que se presentifica nos indícios interacionais como, por exemplo, no endereçamento (Carta a S.M.T.U.), nos vocativos, na pergunta retórica; num segundo nível, um interlocutor genérico – parte da população do Rio de Janeiro, usuária, como o autor, dos transportes coletivos (“ouvimos reclamações veicularem nos órgãos de comunicação / vemos o aumento do preço da passagem”).

O núcleo da carta, dividido em quatro partes, constrói a interatividade iniciada na pergunta colocada como tema do texto:

1. Valorização/melhoria do serviço de transportes oferecido à população ao longo do tempo, comprovada na seleção vocabular.

2. Problemas, falhas que precisam ser sanadas. Iniciada pelo conector “todavia”, mantém com a primeira parte uma relação de oposição. Os pontos negativos vão-se estruturar através de vocábulos e construções dessa área semântica: “nem tudo são flores”, “ônibus, trens e barcas que se atrasam [...] quebram”, “idosos que são ignorados”, “baratas”, entre outros.

3. Pergunta retórica direcionada ao interlocutor determinado.

4. Resposta ao tema proposto. Essa última parte responde, de certa forma, à pergunta, tema da carta, visto que, ao lembrar o interlocutor do papel que desempenha na fiscalização do transporte urbano, apresenta a solução: “ao passo que a fiscalização seja atuante, eficiente, haverá uma melhoria no sistema”.

Ao encerrar a carta com a forma verbal “agradecemos”, o produtor do texto compartilha o posicionamento adotado com o outro, o “nós”, e, nesse compartilhamento, evidencia o caráter dialógico da linguagem.

Os dados do *corpus* revelam que os textos produzidos pelos alunos atendem, na maioria, o propósito de reclamar, criticar, reproduzindo, quase sempre, não só nesse aspecto, mas também na composicionalidade e no tema, as cartas publicadas nas seções de jornais e revistas.

CONCLUSÃO

Este estudo, fundamentado nos pressupostos teóricos do sociointeracionismo e no conceito de gênero discursivo, teve como objetivo identificar os recursos textuais e linguísticos bem como as estratégias discursivas de que se valem os produtores para realizar em seus textos o gênero pretendido. As vinte Cartas do Leitor que constituem o *corpus*, classificadas segundo critérios funcionais, a partir do propósito comunicativo do emissor e da situação interativa em que foram produzidas, assemelham-se na forma composicional, no estilo e na temática àquelas que compõem a seção específica desse gênero nos periódicos.

A análise realizada demonstrou que o discurso de um indivíduo interage com outros discursos, explícita ou implicitamente; é tecido também por outras vozes que emergem de um

contexto mais amplo. Desse modo, o enunciado, produzido em um momento sócio-histórico determinado, não pode deixar de refletir um diálogo entre discursos que emanam da vida social, nos quais estão presentes também aspectos sócio-ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Ensino Superior).

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. *Tratamento dos gêneros textuais*. Fascículo nº8 publicado pela Universidade Aberta do Nordeste para a formação continuada de professores da rede pública. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003, p. 114 -128.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.

FONTANINI, Ingrid. *Cartas ao editor: a linguagem como forma de identificação social e ideológica*. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, S. P: EDUSC, 2002. p. 225-238 (Signum).

GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP,2002. p.55-79.(Projetos Paralelos, 1).

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, SP, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SILVA, Vera Lúcia Paredes Pereira da. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p.118-124.

Recebido em 30 de junho de 2012.

Aceito em 21 de julho de 2012.